



CONTOS POPULARES ... DO ... SUL

Caio Riter • Cléo Busatto
Luana von Linsingen

PROJETO PEDAGÓGICO



IDEIAS PARA SALA DE AULA



AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA ANTES, DURANTE E DEPOIS DA LEITURA. ELAS PROPÕEM REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA, SOBRE A ESTRUTURA NARRATIVA E SOBRE TEMAS INTERDISCIPLINARES, PARA ALÉM DA FICÇÃO.

1. CONTOS E “CAUSOS” POPULARES

O gênero predominante no livro é a lenda ou o conto popular/folclórico, também conhecido como *causo*. Esse gênero é identificado por narrativas anônimas, que, passadas de geração em geração, acabam se tornando de autoria de toda uma comunidade, apresentando algumas características textuais específicas. Durante a leitura da obra, é importante estimular os alunos a perceberem essas características comuns a várias narrativas do livro: maniqueísmo (oposição entre bons e maus), sentimentos intensos, que anulam a razão (em especial, a paixão, o ciúme, o desejo de vingança, a tristeza ou o desgosto), presença de morte injusta e/ou trágica, eventos sobrenaturais (geralmente decorrentes da morte injusta ou trágica) que se perpetuam através do tempo e mantêm a memória da comunidade sobre a circunstância que o gerou. Narrativas como “A noiva da lagoa”, “A praia dela”, “O fandango da Sexta-Feira Santa” são exemplos do gênero, que podem ser lidos e analisados em sala de aula.

2. MITOS INDÍGENAS

Outro gênero que compõe *Contos populares do Sul* é o mito, que, no livro, provém principalmente da tradição indígena. Leia com os alunos, em sala de aula, “As lágrimas de Obirici” e “Duí e Aracê”, questionando-os sobre aspectos semelhantes entre eles. Além dos personagens indígenas, enfatize os trechos em que se encontram características do gênero: a presença de deuses e sua interferência na vida humana, a existência de um lugar considerado sagrado, a explicação da origem de um fenômeno da natureza, de um lugar ou de um hábito etc. Ao enfatizar tais trechos dos mitos, é recomendável que o professor deixe que os alunos, em duplas ou pequenos grupos, tentem perceber tais características por si. Ao final, o professor deve listá-las e complementá-las, sintetizando sua importância nas sociedades, não apenas nas tribos indígenas.

3. NARRATIVAS ORAIS

Mitos, lendas e causos são gêneros que, durante séculos, foram difundidos exclusivamente pela oralidade, o que faz com que, via de regra, tais formas narrativas sejam breves, mais centradas no enredo e com menos descrições. Nesse sentido, seria interessante comparar “A noiva da lagoa”, de Caio Riter, com o conto “A praia dela”, de Luana von Linsingen. O primeiro, mais breve e com um narrador que se

dirige aos leitores, reproduz o ritmo da fala e se aproxima mais do gênero conto popular. Já o segundo, que apresenta maior desenvolvimento do enredo e da psicologia dos personagens, com um narrador mais distanciado e que não se dirige aos leitores, aproxima-se mais do conto literário, gênero difundido pela escrita, sobretudo, a partir do século XIX.



4. ESCRAVIDÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Entre as narrativas de Caio Riter, chama-nos a atenção os temas relacionados à escravidão em “As torres malditas” e “Negrinho do Pastoreio”. A partir desses contos, é possível fazer um trabalho interdisciplinar com História. Além da abordagem, pelo professor de Língua Portuguesa, da perspectiva do narrador (a compaixão ao enfatizar os maus-tratos e torturas sofridos pelos negros escravizados revela que se trata de um narrador contemporâneo, ou ao menos de uma época em que as noções de igualdade racial e direitos humanos já são difundidas), o professor de História pode abordar a escravidão no Rio Grande do Sul (em que século/período houve ali maior população escrava, quais eram suas principais atividades nesse estado específico, se eles eram em sua maioria cristãos, como os personagens dos contos, ou se professavam outras religiões, etc).

5. LINGUAGEM NARRATIVA E POÉTICA

Literatura é linguagem, e, portanto, é fundamental abordar em sala de aula os principais recursos linguísticos usados para a construção das narrativas. Depois de efetuada a leitura do livro, retome os contos em sala de aula, enfatizando trechos que façam com que os alunos percebam que se trata de narrativas lineares, feitas em 3ª pessoa. No caso das narrativas de Caio Riter (especialmente em “As torres malditas”), enfatize as marcas formais do conto popular (como o “dizia o meu avô”, “diz a lenda”). Os contos também possuem diversos trechos em que se percebe um trabalho poético com a linguagem (seja pelo ritmo, seja por descrições sensoriais e uso de figuras de linguagem), como se observa em “Negrinho do Pastoreio” e “Duí e Aracê”, especialmente, nos trechos abaixo:

“Sendo assim, o tempo — cobra rastejante em mato alto — ia se indo sem que alguém se desse conta lá nos campos da estância, ia se indo sem que Negrinho ficasse um dia sem ser castigado.” (p. 34)

“Aracê Poranga, a bela, preparou-se para a viagem como quem vai ao encontro do destino e não como quem vai cumprir uma obrigação. (...) Nesse passeio, uma flor de maracujá se exibiu para ela e foi parar nos seus cabelos. De tempos em tempos, deixava-se acariciar pelas águas dos regatos que corriam entre as pedras dos Campos Gerais. Deslizava os pés nos gramados dos capões, e a terra se aprazia com seus passos delicados.” (p. 85)

ATIVIDADE ESPECIAL

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO.

O LIVRO *CONTOS POPULARES DO SUL* APRESENTA MITOS, LENDAS E CAUSOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL. HISTÓRIAS QUE OS NETOS OUVEM DE SEUS AVÓS, OS QUAIS, PROVAVELMENTE, OUVIRAM-NAS TAMBÉM DE SEUS PAIS E AVÓS. E CADA UM QUE CONTA ACRESCENTA UM DETALHE, COLOCA SUA VOZ, SEU JEITINHO ESPECIAL DE CONTAR... QUE TAL ACRESCENTARMOS A NOSSA VOZ, O NOSSO JEITO DE CONTAR ÀS NARRATIVAS DA NOSSA REGIÃO?

PRIMEIRO PASSO Aborde, em sala de aula, a difusão oral de mitos e contos populares, e o quanto isso favorece a existência de variantes, isto é, de diferentes versões para a mesma história. A partir disso, proponha aos alunos esta atividade, que consiste em uma competição de recontos de narrativas populares, seguindo os passos a seguir.

SEGUNDO PASSO Explique aos alunos o conceito de *reconto*, mencionado por Luana von Linsingen: ela dá outros títulos e narra, de maneira própria, autoral, as lendas e contos catarinenses. Solicite à turma que procure outras versões das mesmas lendas e tente identificar quais foram as mudanças inseridas pela autora (tanto na forma quanto no sentido de tais lendas).

TERCEIRO PASSO Solicite à classe uma pesquisa sobre mitos, lendas e contos populares de sua comunidade, cidade ou região. Para isso, oriente-os a conversar com pessoas mais velhas e gravar seus relatos, além de pesquisarem em *sites*, livros e revistas.

QUARTO PASSO A partir da pesquisa feita no passo anterior, solicite a cada aluno a escolha de uma das narrativas encontradas para fazer o *reconto*. Nesta etapa, ele será feito por escrito, mas os alunos devem ser orientados a manter as marcas de oralidade no texto, além de atentar a recontos já publicados ou tradicionais que possam existir (deixe claro que eles não podem parafraseá-los).

QUINTO PASSO Depois de corrigir o reconto escrito por cada aluno, oriente-os a ensaiar a *contação*, isto é, a narração oral da história. Nesta etapa, a participação do professor de Arte é bem-vinda para dar instruções e dicas relativas à encenação, à entonação de voz e também à construção de um figurino.

SEXTO PASSO Organize com os alunos e o professor de Arte uma sessão de *contação de causos*, que deve ser divulgada para toda a comunidade escolar. Ao final de todas as apresentações, alunos, professores, funcionários e familiares serão convidados a votar no reconto de que mais gostaram. Se possível, a escola pode atribuir um prêmio (um livro, uma cesta de doces ou algo simbólico) ao aluno vencedor.

